

O poder da amizade na adolescência



Terminada a infância, os filhos querem mais é trocar de turma porque os pais e a família já não bastam como companhia para eles. Essa é a hora de eles começarem a conquistar vida própria, de iniciarem a construção de suas privacidade, de darem os primeiros passos rumo à independência e à liberdade possíveis do mundo adulto. Mesmo que os filhos tenham um grupo de amigos que se frequenta desde muito cedo -o que tem ocorrido bastante no mundo atual-, é só a partir do início da adolescência que esse processo de estabelecimento de vínculos fora da família se consolida de fato.

Nunca é demais lembrar que a presença firme e tuteladora dos pais ainda é imprescindível na vida dos filhos, acima de tudo por meio de palavras e condutas que orientam, limitam, impõem e reafirmam as regras e normas de vida que são valorizadas no convívio familiar. Ao mesmo tempo, é nessa fase que os pais devem iniciar o processo de substituição das imposições por propostas e sugestões naquilo que diz respeito à vida do filho.

Entretanto esse é um processo longo, que apenas tem sua largada nessa fase e deve terminar lá pelos 17 ou 18 anos a fim de precipitar a autonomia e a maturidade. Agir com urgência ou impaciência e abortar o processo ainda em andamento prejudica sua chance de bom termo.

Muitas coisas os jovens devem aprender com educadores escolares e pais nessa fase, e hoje vamos conversar a respeito de uma delas, que é crucial para que eles tenham um norte nos relacionamentos que passam a ter com seus pares de geração: as relações de amizade. A respeito das relações de coleguismo e das impessoais e incidentais, falaremos em outra oportunidade. Num mundo em que se aponta a popularidade -ser conhecido por um grande número de pessoas- como característica social das mais cobiçadas e reveladoras de prestígio, nada mais importante e necessário do que esse tema na educação.

Muitos fatores têm contribuído para que os jovens tenham um conceito pouco sólido a respeito da amizade, já que quase todas as pessoas com quem eles se relacionam são chamadas de amigos. Talvez o mau hábito de pais e professores de, desde que a criança é bem pequena, nomearem como amigos todos os colegas de classe, de prédio ou de clube, por exemplo, tenha um grande peso nessa história. O fato é que eles não têm em conta como amigos apenas aqueles a quem eles querem bem e a quem têm grande consideração. Então, eles precisam saber que nem todo relacionamento é de amizade.

Fazer amigos é uma escolha, se bem que viver sem amigos talvez torne a vida mais árdua do que já é ou, quem sabe, até impossível de ser vivida. Amigo não deixa de ser um recurso para fazer frente às vicissitudes da vida. E os jovens precisam aprender que tal escolha traz compromissos: de disponibilidade, de dedicação, de generosidade, de tolerância e de lealdade, entre outros.

Fazer amigos ajuda a combater a ideologia consumista de nosso tempo, que pega tão pesado com os jovens, já que ter amigos subverte a lógica do consumo. Quem cultiva amizades entende que mais importante do que ter o poder de ter algo é ter alguém ao lado, poder contar com alguém.

Ao despedir-se da infância, o jovem se depara com uma grande empreitada: saber quem é, reconhecer o outro e suas diferenças e respeitá-lo. Essa é uma questão das mais importantes do início de adolescência, que acompanhará o jovem pelo resto da vida, pois as relações de amizade são um campo fértil de experimentações que contribuem de forma criativa para essas descobertas.

Tudo isso e muito mais os jovens podem aprender se pais e escolas, principalmente, contribuírem para que eles encarem a amizade como um valor. Mas, pelo jeito, temos é colaborado para que tal questão seja cada vez mais banalizada.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)

@ - roselysayao@folhasp.com.br

(texto recebido de Lúcia pela lista Filosofia Espírita para crianças - www.edicoesgil.com.br)